

# **Exterminismo e realismo em E. P. Thompson: conceitos para repensar.**

Muller Ricardo.

Cita:

Muller Ricardo (2010). *Exterminismo e realismo em E. P. Thompson: conceitos para repensar. V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-036/416>

# Exterminismo e realismo em E. P. Thompson: noções para repensar<sup>1</sup>

Ricardo Gaspar Müller\*

\* (Professor Associado do Dept<sup>o</sup>. de Sociologia e Ciência Política, e do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mails: [Muller@cfh.ufsc.br](mailto:Muller@cfh.ufsc.br) ou [rgmuller@superig.com.br](mailto:rgmuller@superig.com.br) ).

Área temática: Relaciones Internacionales/Teoría de las Relaciones Internacionales.

## RESUMO

A contribuição mais significativa de E. P. Thompson nos debates sobre a guerra fria, contra a corrida armamentista, a ameaça nuclear e em nome da organização de grupos e movimentos pacifistas foi o ensaio *Protest and Survive*, de 1980, onde ele contrapõe à perspectiva de um teatro de guerra a possibilidade da paz, resultante de pressão democrática. A construção dessa estratégia demandou a dedicação de Thompson ao longo dos anos de 1980 e incentivou várias formas de resistência popular. Percebendo uma dinâmica interna e uma lógica recíproca, que requerem uma nova categoria de análise, Thompson elabora o conceito de *exterminismo*.

## APRESENTAÇÃO

Esse texto é resultado da pesquisa desenvolvida durante estágio pós-doutoral – *Missão Civilizatória e exterminismo: um caso de realismo político* (Processo CNPq: 155401/2006-8) –, com base nos resultados obtidos. O programa foi realizado junto ao NECVU e ao Programa de Pós-graduação de Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRJ, entre 2007 e 2008.<sup>2</sup>

### 1. Justificativas e quadro teórico

Dada sua especificidade, em sua abordagem, a pesquisa leva em conta os limites das orientações teórico-metodológicas para a análise do movimento do real no processo histórico-social. Esse procedimento exige a explicitação das premissas metodológicas, a compreensão da problemática como uma questão ontológica e, nesse sentido, o lugar da categoria de totalidade na análise.

Em suas premissas, a investigação foi motivada pela crise teórica e política caracterizada pelo que denominamos “reco da teoria”<sup>3</sup> (a maioria das vezes considerada somente em sua face de “crise de paradigmas”) e, ao mesmo tempo, sua expressão nos campos da sociologia econômica, da sociologia política, e suas relações, e pela preocupação com os efeitos negativos do *linguistic turn* sobre as Ciências Sociais, como a sua negação ontológica do real e do sujeito. Em função das alterações ocorridas nas últimas décadas no conjunto das relações sociais e instituições políticas, e de seus efeitos sobre o mundo do trabalho – como o redesenho das classes sociais e o realinhamento de suas características e fronteiras – observou-se na maioria das pesquisas da área uma relação específica entre o progressivo deslocamento da centralidade do “trabalho” como categoria de análise e a reavaliação do conceito de classe – ou, como propôs Ellen Wood, a “saída de cena da *classe*”.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, e de forma correlata, observam-se também mudanças nas definições de Estado, Nação – ou os conceitos justapostos, como Estado-Nação. O colapso do fordismo significou o fim da fase do desenvolvimento nacional dirigido

---

<sup>1</sup> Trabajo preparado para su presentación en el V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado por la Asociación Latinoamericana de Ciencia Política (ALACIP). Buenos Aires, 28 a 30 de julio de 2010.

<sup>2</sup> A etapa final da pesquisa de pós-doutorado perseguiu a seguinte questão norteadora: “O paradoxo de uma nova Missão Civilizatória: civilização e exterminismo? Que sentido de realismo constitui essa relação?”.

<sup>3</sup> Cf. Moraes, Maria Célia M., “Reco da teoria: dilemas da pesquisa em educação”. *Revista Portuguesa de Educação*. 14 (1), 2001.

<sup>4</sup> Cf. Wood, Ellen M. *Retreat from Class*. 2 ed., London: Verso, 1998.

pelo Estado – seja de acordo com o modelo comunista, o modelo social-democrático ou o de desenvolvimentismo estatal do Terceiro Mundo. Esse fato trouxe enormes dificuldades para muitos países e imensas dificuldades conceituais para todos aqueles que viam o Estado como um agente de mudança positiva e de desenvolvimento. Os efeitos do colapso da síntese fordista em meados do século foram diferenciados; eles variaram em diferentes partes do mundo.

Nesse sentido, de acordo com algumas correntes teóricas predominantes – apoiadas ou informadas prioritariamente por tendências pós-, em suas diferentes variantes (pós-modernas, pós-marxistas, etc.) –, as clivagens existentes na sociedade seriam definidas fundamentalmente pelo “discurso”. Dessa forma, a conquista da hegemonia política seria o objetivo prioritário para os diversos movimentos e lutas na sociedade contemporânea – situação, que, por outro lado, confunde a compreensão do lugar e/ou do papel do Estado, das instituições e do próprio significado de *político* ou *política*.

Não obstante, essas clivagens e delimitações dificultam a abordagem de processos mais complexos, que exigem uma perspectiva mais universal – como, por exemplo, as transformações da divisão internacional do trabalho, as do campo das relações internacionais, o cenário político mundial e suas inter-relações. Nessas circunstâncias, a explicação, ora discursiva ora cultural, ao mesmo tempo em que, de modo funcional, serve a determinados setores acadêmicos, coloca-se como uma resposta conveniente a dificuldades teóricas e analíticas encontradas pelas Ciências Sociais. (Não sem tensões ou resistências, porém).

Essa transformação da teoria (recuo, em casos limites) relaciona-se, também, ao ceticismo epistemológico contemporâneo que, acompanhado de um crescente anti-realismo e relativismo, tende a desvalorizar a ciência e reduzir a abrangência, a força e a profundidade do campo gnosiológico. Valoriza-se a ciência não pelo conhecimento que ela pode produzir, mas por seus subprodutos tecnológicos, itens que compõem o eixo do conhecimento propalado pela chamada “economia ou sociedade do conhecimento” (Moraes, 2004, p. 352). Em geral, assinala Duayer (2003, p. 5), “o traço mais marcante da crítica foi, sem dúvida, a refutação da possibilidade de se obter um conhecimento objetivo do mundo, da realidade”.

Essas proposições resultam de uma justa crítica antipositivista que prevaleceu nas últimas décadas do século XX. No entanto, afirma o autor, a consequência foi a de esvaecer a esperança que as ciências particulares depositavam nos protocolos capazes de caucionar seu estatuto científico. A epistemologia não desapareceu enquanto campo específico de investigação, mas seu *status* foi reduzido. O certificado de cientificidade, de corte positivista, perdeu seu antigo poder simbólico. Desvalorizou-se quase por completo. Como lembra Duayer (2003, p. 2), “não importa o nome que se dê ao fenômeno, *linguistic turn* ou *cultural turn* (...), o seu flagrante sentido consistiu em plasmar uma atitude de suspeição em relação à ciência”.

Noções ou categorias como paradigma, programas de pesquisa científica, malhas ou sistemas de crenças, jogos de linguagem, *phrase régimes*, formas de vida, esquemas conceituais, entre outros, caracterizam uma variedade de doutrinas que, não obstante suas diferenças, convergem em um ponto fundamental: a defesa do relativismo epistemológico. O corolário de tal posição consiste em negar o valor de verdade ao conhecimento (Duayer, 2003).

Proposições, teorias, modelos, são, nesta perspectiva, inteiramente relativos a uma determinada estrutura teórica, visão de mundo, cultura, descrição: i.e., nossas crenças sobre o mundo, cientificamente amparadas ou não, são construções. Conhecemos o que construímos – admite-se *a priori* que nada se pode saber sobre a estrutura e a dinâmica do mundo social. No caso, a verdade é *interna* às nossas descrições do mundo (Duayer, 2003).

Esta última faceta, portanto, pode gerar importantes consequências para a produção do conhecimento e exercer impactos sensíveis sobre opções teóricas de pesquisas na área sociológica. De imediato, coloca-se o problema da construção do conhecimento abalizada pelas crenças do senso comum, confundindo as disposições sociais e cognitivas que reforçam os

delineamentos de preconceitos e/ou estigmas de classe, gênero, etnia e/ou religião. Modulado desta forma, o conhecimento é condicionado e convencionado pela prática social e esse problema conduz à seguinte pergunta: qual o conceito de conhecimento implícito no recuo da teoria e nos cenários indicadores do atual padrão civilizatório? (Moraes, 2003).

Uma recente contribuição para essas questões encontra-se no livro de Terry Eagleton, *After Theory*.<sup>5</sup> Para Eagleton (2003, p. 221), por exemplo, “com a nova narrativa global do capitalismo, juntamente com a assim chamada guerra contra o terror, é bem possível que o estilo de pensamento conhecido como pós-modernismo esteja chegando ao fim (...) Afinal, foi esta corrente de pensamento que assegurou que as grandes narrativas estavam ultrapassadas.”<sup>6</sup>

No entanto, não obstante seus desdobramentos e contradições, acompanhamos, por exemplo, a trágica cruzada de George W. Bush, em seus dois mandatos, contra o “eixo do mal”, que ressuscitou, até pelos termos religiosos em que foi concebida, o que os pensadores pós-modernos consideravam definitivamente superado. Eagleton (2003, p. 223) lembra que após os eventos de 11 de Setembro (de 2001) alguns termos e expressões tornaram-se voga nos Estados Unidos – como, por exemplo, o “mal”, os “amantes da liberdade”, os “homens maus”, “os patriotas”, os “antiamericanos”. A seu ver, essa terminologia não é necessariamente equivocada: paradoxalmente, em uma perspectiva realista, reafirma que a liberdade é um *bem*, um *valor* a ser preservado. Mas a questão é outra: a força desses termos é a de sugerir que, além deles, “nada mais há a ser dito”. São antiteóricos porque “convidam” a se fechar o pensamento e, às vezes, são empregados de forma agressiva e imperativa; insinuam que a teoria seja antipatriótica; que pensar seja perigoso e não se deva conhecer e analisar o que está acontecendo. As discussões devem permanecer, a todo custo, no nível das frases feitas, do apelo moralista.

Durante a pesquisa de pós-doutorado estudamos as relações entre o construto de uma nova “missão civilizatória” (e sua matriz histórico-ideológica) como eixo da doutrina de defesa e segurança norte-americana (sobretudo) praticada durante os governos Bush; a contraposição entre a idéia de civilização – e seus diferentes matizes – e as bases da categoria de *exterminismo*, como um caminho para se elaborar e investigar um caso de realismo político, na perspectiva das articulações entre determinadas definições como doutrina de Estado, práticas de intervenção em uma conjuntura particular e suas alternativas e contradições. Não obstante sua feição mais europeia – tal como proposta por E. P. Thompson, teórica e estrategicamente – a categoria de *exterminismo* adquire *particularidade* em função das relações entre sua conjuntura histórica original e a atual configuração de questões teóricas e políticas (para efeito do projeto, embora diferenças e contradições, basicamente o período compreendido entre 2001 e 2009).

De acordo com os pressupostos da pesquisa desenvolvida, essa *particularidade* se definia em termos da relação entre “os atentados de 11 de setembro” ao World Trade Center, então um dos centros do poder financeiro norte-americano e mundial, e seus desdobramentos contraditórios no processo que se inicia com os ataques e ocupação do Afeganistão, em 2001, e culmina com a invasão e a ocupação do Iraque em 2003. Nesse sentido, tais eventos representaram marcos históricos e políticos para a pesquisa, dado seu caráter *universal*, tal como o entendemos conceitualmente. Da mesma forma, a *particularidade* dessa relação ainda carece de uma reflexão sobre conceitos clássicos (como poder, democracia, liberdade, cidadania, soberania, direitos humanos, território e Estado, etc.) – por meio da identificação e análise desses

---

<sup>5</sup> Usamos a edição norte-americana de *After Theory* (New York, Perseus, 2003). O “Postscript”, onde estão os trechos citados, não foi incluído nas edições britânica e brasileira.

<sup>6</sup> Os conceitos de “geocultura de legitimação”, e os de universalismo e particularismo, de Immanuel Wallerstein (1991, 1995 e 2006), permanecem contribuições importantes para análise, em uma perspectiva histórico-mundial.

eventos e processos, e associada, em termos de fundamentação, a uma compreensão histórica sobre aspectos específicos das mudanças do capitalismo.<sup>7</sup>

Em conseqüência, esses eventos singulares interrogam tanto o papel da ONU, quanto o da OTAN, no atual cenário mundial. Questionam também o significado da presença dos Estados Unidos como estado hegemônico no contexto internacional (sobretudo após o processo eleitoral com a vitória de Barack Obama) – e os efeitos de sua interferência nos eventos contemporâneos (conflitos do Oriente Médio; entre Israel, Líbano e os grupos palestinos; a soberania desses territórios; o deslocamento induzido do “teatro de poder” e de seu cenário de guerra – do “teatro da Europa”, como pensado por Thompson, para esses conflitos; a pressão e os questionamentos sobre o programa nuclear do Irã ou o da Coreia do Norte, por exemplo) e a resignificação de noções tais como “paz duradoura” e “eixo do mal” e conceitos como luta de classe. Ao mesmo tempo, em sua singularidade, e nas mediações que colocam, esses eventos redefinem algumas questões para as premissas de Thompson (como a relação razão/utopia), bem como para o campo do realismo político, sobretudo a formulação de conceitos e doutrinas, linhas programáticas e tomadas de decisão. Considerando-se esse caráter *universal*, é mais factível pensar abstrações e propor hipóteses para casos particulares, tanto em termos de análises de política mundial, como aspectos da situação sócio-política brasileira, sobretudo em relação à crise social e suas variantes (especialmente em termos de violência e segurança pública).

É com base nesse contexto que o *sentido de razão* para E. P. Thompson, o de sua “lógica histórica” e alguns de seus conceitos readquirem relevância teórica e política nos dias de hoje. Ao percorrermos suas obras e sua trajetória intelectual e política, identificamos um tema recorrente: a relação entre razão e utopia. Thompson defende sistematicamente a razão, princípio de seu método, de sua compreensão da lógica histórica e do agir humano (*agency*). Para ele há uma racionalidade no processo histórico que assegura a inteligibilidade do papel dos sujeitos, da formação de classe, de sua organização e consciência e das condições de luta de classe. Mas, ao mesmo tempo, advoga um princípio de utopia, vital a qualquer luta por um projeto alternativo e de transformação da sociedade. Seus textos e seu empenho contra o estruturalismo (seus princípios e efeitos) e a corrida armamentista (pelo desarmamento nuclear) são bons exemplos dessa atitude. E. P. Thompson (1979) atesta ainda que a teoria (implícita ou explícita, reconhecida ou não) sempre **tem** conseqüências.

A edição de *The Poverty of Theory* (1978) seria o início de um projeto de Thompson de publicar uma série de livros sob o tema de *Reasoning* – o que não ocorreu. Thompson (1978, p. i) decidiu elaborar suas críticas a Althusser, e à difusão e à assimilação do estruturalismo por grupos dentro da esquerda e do marxismo britânicos, porque “(...) não se trata apenas de um debate entre duas interpretações filosóficas opostas, mas (...) a ‘defesa da razão em si’”. Para Thompson, a intensificação da corrida armamentista nos anos de 1980 e a chegada da Segunda Guerra Fria seriam paradigmas da realização histórica da irracionalidade. No início de seu artigo, “Notas sobre o Exterminismo”, Thompson afirma (1982a, p. 1): “(...) Precisamos de uma análise teórica e de classe válida para a atual crise bélica. Sim. Mas estruturar uma análise racional sucessiva pode, ao mesmo tempo, impor uma racionalidade de conseqüências ao objeto de análise. E se o objeto é irracional?”.

Thompson (1982a, p. 2) alerta: “o que enfrentamos no presente se formou historicamente e nessa medida está sujeito a uma análise racional: mas agora existe uma massa crítica no ponto de detonação irracional.” Lamenta e adverte: “Não posso oferecer mais do que notas, fragmentos de um raciocínio. Alguns fragmentos devem assumir a forma de questões, dirigidas ao imobilismo da esquerda”. Diante desse cenário, Thompson propõe a categoria *exterminismo* que, a seu ver, poderia orientar a análise e estratégias (como a elaboração de uma agenda – de lutas,

---

<sup>7</sup> Cf. Arantes (2007); Bess (2006); Postone (2006); Wallerstein (2006); Foster (2006); Foster e McChesney (2004); Agamben (2007); Harvey (2004), Wood (2005).

protestos e proposições). Seu “apelo à razão” convoca os “velhos camaradas” (*comrades*) para novas campanhas. Assim, reconhecer o objeto de análise como “irracional” não seria uma atitude niilista. Mas, ao contrário, visava motivar a busca de uma nova teoria que, referida também a uma análise de classe, possibilite compreender os acontecimentos e “agir em consequência”: lutar pela razão, encontrar e definir uma racionalidade que favoreça uma estratégia de luta e dirija as ações contra a situação denunciada.

Nesse sentido, as categorias de E. P. Thompson permanecem os principais referenciais da pesquisa. Mas, ao mesmo tempo, é necessário atualizar (presentificar) seus conceitos.

A obra de E. P. Thompson reafirma a importância de um diálogo permanente entre teoria e empiria e, nesse movimento, representa a negação do “reco da teoria”. Efetiva uma *mediação* entre as tendências teóricas das Ciências Sociais e outros temas polêmicos do cenário político atual, que norteiam o projeto e começamos a investigar: questões associadas às tendências neopragmáticas e neoconservadoras e sua influência sobre o cenário contemporâneo das relações internacionais; a noção de “ataques preventivos”, como idealizados e realizados; terrorismo (questões pragmáticas e conceituais); regionalização de guerras e conflitos; diferentes sensações e formas de violência; relação entre idéia e expectativa (*individual?*) de segurança e a redefinição de segurança *pública*; crise de modelos e práticas democráticas; alianças e cisões políticas (em especial as partidárias); relações entre as noções de império e imperialismo, e suas contradições e ambigüidades, etc.

Considerando-se as relações entre essas questões, e suas potenciais contradições, defendemos a importância e a atualidade do conceito de *exterminismo* proposto por Thompson. Como supõe ao mesmo tempo uma dialética de princípios (a ameaça de *exterminismo* e ações antiexterministas), essa categoria opera elementos úteis para reavaliar suas possibilidades teóricas, o cenário político contemporâneo e a dinâmica social.

Ao perceber a existência de “uma dinâmica interna e de uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise”, Thompson elabora o conceito de *exterminismo*, a seu ver adequado para examinar a lógica e a dinâmica dessa nova realidade. Thompson sustenta ser necessária uma categoria nova [exterminismo] para definir esta época clara de história de confronto nuclear, mas isso não significa, não implica renunciar às categorias anteriores ou que não funcionem mais todas as forças históricas anteriores. Não se trata simplesmente de uma questão de força, mas de legitimidade. Assim, o exterminismo da guerra fria estaria baseado na dinâmica do sistema de armamentos. Embora pareça um movimento racional, no qual os agentes participantes tomam decisões aparentemente racionais, no âmago do processo desenvolve-se uma lógica perversa, um sistema de autogeração e um estado generalizado de inércia na direção da destruição total. À sombra dessas colocações, Thompson acredita e insiste na possibilidade de formação de uma nova consciência. A questão da luta de classe permanece fundamental, mas o imperativo agora é o da salvação da própria *humanidade*: com a perspectiva do exterminismo a causa se redefine. Nesse sentido, a construção de estratégias antiexterministas demandou tempo e dedicação de Thompson, ao longo dos anos de 1980, e incentivou várias formas de resistência popular. Uma resistência necessária, porque a política da guerra fria se estruturava de tal maneira que a idéia de *extermínio* da sociedade era coerente com a lógica do processo.

Embora sua defesa das políticas de libertação também incorpore a questão da luta de classe, um dos principais eixos de sua obra, essa questão constitui (paradoxalmente?) um dos principais temas das críticas à categoria de exterminismo e às proposições de Thompson.

Por exemplo, para Raymond Williams (1982a, p. 85), Thompson teria abandonado os critérios socialistas em uma tentativa desesperada para combater a possibilidade exterminista da guerra fria. O argumento de Thompson coloca “a Bomba” no centro do processo histórico e, dessa forma, desqualifica o papel da luta de classes na dinâmica da história. Além disso, o fato de isolar a Europa como centro catalisador do teatro de guerra (verdadeiro até certo ponto)

acabava por ignorar, ou reduzir, a escala global da luta de classe. Thompson (1982, p. 330) reconhece seus equívocos e os limites de suas análises, mas insiste:

Segue havendo alguma coisa no movimento de inércia e na lógica recíproca dos sistemas de armamentos rivais – e na configuração de interesses materiais, políticos, ideológicos e de segurança que os acompanha –, que não se pode explicar atendo-se às categorias de “imperialismo” ou de “luta de classes internacional” (Thompson, 1982a, p. 330).

Considerando-se a importância e a atualidade do debate, impõe-se a investigação e o estudo das relações entre exterminismo e luta de classe na bibliografia específica de Thompson sobre o tema, bem como nas críticas dirigidas às suas propostas (no caso, as que, de alguma forma, envolvessem o tema da luta de classe em seus argumentos).

Mas por que esse debate é atual e pertinente para uma investigação? Porque, *na perspectiva de Thompson*, esse teatro de poder, de guerra e paz – em sua dinâmica de conflitos, tensões, lutas, contradições e mudanças de personagens e discursos – configura-se um *caso* de realismo político. Mas também porque as questões envolvidas nas discussões oferecem um amplo campo de mediações entre temas relevantes, ao mesmo tempo em que abrem caminhos de análise no campo da teoria social e alternativas de pesquisa.

Dessa forma, para viabilizar a investigação como um todo, torna-se necessário relacionar os resultados e as questões postos pelos estudos de pós-doutorado e identificar e precisar os cenários coerentes com a problemática proposta para esta pesquisa.

## 2. Objetivos

### Objetivo Geral

Reavaliar criticamente segmento da obra política de E. P. Thompson (como definido) e, em particular, as tensões entre as categorias de exterminismo e luta de classe, como expressão das contradições entre os conceitos e o sentido de realismo de sua obra.

### Objetivos específicos

Avaliar *criticamente* as condições de atualização e/ou resignificação da categoria *exterminismo*.

Analisar de que forma essa categoria, pensada e proposta por Thompson, pode ser “aberta” e operar como mediação para identificar e classificar diferentes níveis e formas contemporâneas de exterminismo; as contradições entre as formas de violência e as condições de cidadania no contexto atual das relações sociais – e, inclusive, em termos de políticas públicas e mudanças do Estado (papel, atribuições, esfera política, relações com a sociedade civil etc.).

Examinar as possibilidades e as variáveis de redefinição do construto de “Missão Civilizatória” nas atuais condições objetivas das relações sociais, caracterizadas por um *contexto de exterminismo*.

Examinar a presença de uma nova idéia de “Missão Civilizatória” – e de suas determinações e contradições – em processos marcados por essas relações.

Examinar em que medida esse novo *construto* (de “Missão Civilizatória”) expressa um campo de forças e de possibilidades de decisões e dispositivos de reorganização das relações internacionais, de invasão de países, de massacres, prisões e torturas (e suas justificativas por meio de dissimulações semânticas e/ou soluções jurídicas), etc.

Avaliar e discutir a condição de *realismo político* que permeia esses processos, seus fundamentos, princípios e decisões (*rationale*).

Avaliar e discutir de que modo a categoria *exterminismo* responde às perguntas e proposições de Thompson, à sua inquietação – já que, de seu ponto de vista, essa categoria, *em sua tensão*, expressa o processo de transformação das relações sociais, a lógica histórica proposta e, no limite, sua causa de defesa da razão e da liberdade.

Apreender e discutir a relação entre realismo e utopia em sua obra e seus projetos e, *nesse processo*, estabelecer as relações necessárias entre teoria e prática e categorias de análise para uma abordagem crítica do cenário político e intelectual contemporâneo, contraditoriamente marcado por expressões de desrazão ou irracionalismo.

Comparar e confrontar as condições definidas por Thompson para avaliar e validar a categoria *exterminismo* (com base, por exemplo, em suas reivindicações de alternativas à diplomacia da Guerra Fria e sua perspectiva de transformar os “teatros de guerra” em “teatros da paz”, sobretudo no espaço da Europa); recolocá-la em contraposição ao construto “Missão Civilizatória” e repensar esse construto por meio da análise e comparação de episódios e processos político-militares recentes (desde os movimentos de ameaças, preparação, invasão e ocupação do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos e aliados, até os novos fatos desencadeados pelos processos de resistência interna e os associados à *desocupação*).

Estudar essas questões no contexto das transformações da Teoria Social, em pelo menos duas perspectivas e que devem ser relacionadas: uma, a das teorias que redefinem as relações sociais como de risco – ou flexíveis (como efeito ou expressão de uma determinada condição de modernidade, líquida ou reflexiva) (Beck, Giddens, Bauman); e, ao mesmo tempo, as concepções correlatas, as que prevêm ou antevêm o apocalipse (Jay, 2009); exterminismo (Thompson, 1980, 1982); exterminação (*extermination*, cf. Saul Friedlander, in Postone and Santner, 2003, p. 17-33); extinção (Arantes, 2007); barbárie (Marx; Meszaros, 2003) – ou “retorno à barbárie (Delpech, 2006); exceção (ou estado de exceção) (Agamben, 2007); e/ou as que propõem o princípio de desastre e/ou o do choque (Klein, 2008). A outra, relevante para se compreender, sobretudo, as condições de formação e organização de um pensamento neoconservador nos Estados Unidos e que viabilizou as doutrinas e políticas propostas e encaminhadas, especialmente no sentido de apoio à política empreendida pelos Governos Bush.

Elaborar uma síntese dos principais argumentos em debate na atual conjuntura (para efeito do projeto, basicamente o período compreendido entre 2001 e 2009, como indicado), tanto em relação às questões envolvendo aspectos de uma *tradição* de política externa norteamericana, quanto na perspectiva de *tradições* teóricas e políticas.

### 3. Metodologia

Visando tais objetivos, apresentamos os principais temas e tópicos que irão orientar a pesquisa e constituir os conteúdos de estudo e investigação. Esses tópicos serão organizados em diferentes níveis e distribuídos ao longo da trajetória de pesquisa.

Nesse sentido, relacionamos os principais conceitos e argumentos da obra política de Thompson – em termos de sua militância pacifista, antinuclear, contra a corrida armamentista e de organização de movimentos sociais –, tomando como referência a categoria *exterminismo*. Nesse nível, articulamos as perguntas básicas do projeto, as relações entre *exterminismo* e luta de classe, e seus fundamentos, tensões e contradições.

1. Nessa perspectiva, sistematizar, analisar e comparar (obs.: os critérios de comparação serão definidos posteriormente com base nos resultados da análise preliminar) os principais conteúdos de algumas tendências neoconservadoras formuladas nos Estados Unidos (de intelectuais (especialmente os cientistas sociais) como Leo Strauss, Allan Bloom, Seymour



Martin Lipset, Irving Kristol, Norman Podhoretz, Daniel Bell (que renunciou algumas das teses de Francis Fukuyama com seu debate sobre o “fim das ideologias”, nas décadas de 1960 e 1970) e o próprio Fukuyama) e se são significativas ou não para a formação das características político-ideológicas da conjuntura em foco.

2. Estudar e interpretar os fundamentos, os objetivos de algumas formulações de corte neoconservador e de doutrinas de defesa norte-americana, e suas eventuais relações – dada sua importância histórica, apesar das crises (tanto econômica, quanto de hegemonia) e contradições recentes do processo político nos Estados Unidos.

3. Dado o contexto particular do projeto, estudar e comparar – atentando para suas diferenças – o significado dos discursos, projetos e da atuação de políticos e intelectuais como Jimmy Carter; a ex-Secretária de Estado, Condoleeza Rice; Zbigniew Brzezinski, Jeane J. Kirkpatrick, Norman Podhoretz, Samuel Huntington, Francis Fukuyama, entre outros.

4. Para esse percurso priorizamos, como caso, o estudo crítico do livro de Norman Podhoretz, *World War IV: the long struggle against islamofascism*, lançado em setembro de 2007 (New York, Doubleday). Intelectual polêmico, assume, com convicção, sua postura (neo)conservadora. Podhoretz também é pesquisador associado do Hudson Institute, um dos principais editores da revista *Commentary*, autor de vários livros e sempre contribuiu para importantes debates políticos e intelectuais nos Estados Unidos. Nesse livro, Podhoretz coloca em xeque o controverso tema da guerra contra o terrorismo, em particular a rede global de terroristas responsável pelos ataques de 2001. Em *World War IV*, ele procura compreender os eventos relacionados a esses ataques e analisar historicamente as batalhas que se seguiram – a invasão e ocupação no Afeganistão e no Iraque, e a de idéias, provocada por esses conflitos. Transforma esse processo em uma história épica e sustenta que a luta global contra o que ele denomina islamofascismo (“fascismo islâmico”) é tão vital e necessária quanto as anteriores, as duas guerras mundiais e a guerra fria (para ele a terceira guerra mundial). Ele também empreende uma agressiva defesa da Doutrina Bush, assumindo que as novas estratégias propostas – a militar, de ataques preventivos e a política, de democratização – representam a única via possível para manter e ganhar esse tipo especial de guerra que o país “foi instado a assumir”. Embora os islamofascistas sejam em alguma medida diferentes de seus predecessores totalitários, a seu ver, esse novo inimigo estaria igualmente voltado à destruição das liberdades que os Estados Unidos honram e defendem. Para Podhoretz essa guerra já havia sido declarada contra o país e era necessário empreendê-la. Os governos anteriores, tanto Republicanos quanto Democratas, não teriam respondido com força suficiente aos ataques terroristas muçulmanos a cidadãos norte-americanos em diferentes países e mesmo as bombas no World Trade Center, em 1993, foram consideradas um incidente criminoso e não um ato de guerra. Segundo ele, esse cenário mudou após “11 de setembro”, quando todo o país teria acompanhado e apoiado a decisão do Presidente Bush de levar a guerra ao território inimigo no Oriente Médio. Os sucessos e fracassos são discutidos por Podhoretz: de acordo com seu ponto de vista, assim como nas guerras anteriores contra o totalitarismo no século passado, a chave para a vitória nessa quarta guerra mundial será tomar consciência dos propósitos dessa luta e assumir uma vontade duradoura de defender esses objetivos e não sucumbir a eventuais derrotas. Assim, não obstante a perspectiva de Podhoretz parecer simplista e conservadora, paradoxalmente, a escolha de rever seus argumentos se justifica em função de sua própria trajetória intelectual. Durante um período, ele foi um intelectual liberal, progressista, amigo de Allen Ginsberg, Lionel e Diana Trilling, Hannah Arendt, Norman Mailer e Lillian Hellman, por exemplo. Esses intelectuais formaram um grupo denominado “The Family”, representativo de polêmicas radicais entre os anos de 1950, 60 e 70. Mas, a nosso ver, esse grupo seria representativo também de uma época de debates em que as opções intelectuais e políticas estariam mais próximas e comprometidas (à esquerda e direita, conservadores e liberais, realistas ou idealistas etc.). Depois de atravessar as várias crises desse grupo, Podhoretz decide se afastar definitivamente da “Família” (agora seus “ex-amigos”) e seguir um caminho mais conservador e solitário. Dessa forma, ele constitui um “testemunho

privilegiado” de um processo determinante do cenário que focamos na pesquisa e que, portanto, seus argumentos devam ser objeto de uma análise mais rigorosa; i.e., não devemos nos contentar com sua aparente platitude.

5. Localizar e avaliar o papel de instituições com perfis de *think-tanks*, como a Rand Corporation – que costuma produzir documentos para o Dept<sup>o</sup>. de Estado norte-americano – e o Woodrow Wilson International Center for Scholars, de natureza mais acadêmica.

6. Se possível, analisar e comparar também, na conjuntura em foco, a atuação e as tendências de estudo e pesquisa de autores e instituições de diferentes setores da esquerda, tomando-se como referência principal o grupo e periódico *Monthly Review*, e seus colaboradores, e outros grupos e organizações a definir.

7. Estudar e avançar questões relativas à Teoria Social: relacionar e comparar, ou contrapor, o campo conceitual (e semântico) de/do exterminismo na modernidade, no contexto dos debates de algumas correntes da teoria social: tendências do apocalipse, do risco, e do desastre – também associadas às idéias de flexibilidade e fluidez/líquidez, bem como as condições de violência, em suas diferentes possibilidades e formas (como as reflexões de Georges Sorel (1992), p. ex.).

8. Considerar também as possíveis relações e contradições entre exterminismo e luta de classe – como categorias e proposições; associar e comparar também às formulações (como destacado nos Objetivos) como extinção (Arantes, 2007), extermínio; doutrinas de choque e desastre; catástrofe; risco; desencantamento e encantamento; razão; irracionalismo; utopia(s) e indeterminação – assim, de que modo associar a categoria de “indeterminação” com a pergunta teórica e política lançada por Thompson sobre a contradição entre decisões políticas baseadas no realismo político com a “aparente” irracionalidade do objeto e do processo histórico. Pois, nesse sentido, se adotarmos “indeterminação” como uma categoria social crítica, seu uso deve então operar mais como meta de ação social e política e não como uma característica ontológica da vida social.

9. Com base nas questões identificadas no item anterior, estabelecer condições e sistematizar argumentos (conforme os sub-temas indicados).

#### **4. Plano de trabalho e cronograma**

Os procedimentos supõem três níveis básicos (que implicam atividades complementares e/ou associadas): pesquisa bibliográfica (catalogação, resumos e fichamentos; elaboração de *papers* e artigos); levantamento de dados (classificação e análise) e realização de seminários (organização de *workshops*; elaboração de *papers* e artigos).

1. Durante a realização da pesquisa, e em função de seu caráter teórico/empírico, algumas atividades serão mantidas em bases permanentes, com ênfases diferenciadas, dependendo das exigências do processo da investigação. Incluem-se entre elas, a leitura, análise e fichamento de livros e textos; a revisão da literatura pertinente ao tema, e a análise, sistematização e consolidação do material obtido;

2. Organização progressiva de *dossiês* com o material obtido, de modo a ampliar e consolidar um acervo para o Núcleo *Transformações do Mundo do Trabalho (TMT)*, atualmente sob minha coordenação na UFSC;

3. Organização geral do material de pesquisa (acervo bibliográfico; pastas e arquivos) na sala do Núcleo (onde pesquisa será hospedada);

4. Atividades de pesquisa e orientação e acompanhamento (bolsistas; graduandos (vinculados à disciplina *Prática de Pesquisa*) e pós-graduandos);

5. Reuniões regulares e seminários no Núcleo (TMT) – e com outros Laboratórios e Núcleos do Programa (PPGSP) e/ou da UFSC (e outras universidades).

6. Elaboração de *papers*, artigos, relatórios (resultados da pesquisa) – apresentação em Seminários, oficinas e *workshops*;
7. Organização (de) e participação em seminários, mini-cursos (em Semanas de Pesquisa e Extensão – como a Sepex/UFSC) e em congressos, oficinas e *workshops*;
8. Providências para viabilizar publicações e posterior acompanhamento;
9. Coordenação de disciplinas optativas para o Programa de pós-graduação (PPGSP), com base em aspectos da pesquisa.
10. Relatórios para CNPq e UFSC.

Nesse sentido (de acordo com os Objetivos e a Metodologia), priorizamos como objetivos específicos para o primeiro ano da pesquisa:

1. Selecionar, analisar e discutir tópicos relacionados ao pensamento de Thompson e à sua prática como teórico e político.
2. Discutir a categoria *exterminismo* em uma direção mais conclusiva e avaliar o sentido e a validade de sua resignificação frente das novas questões do cenário intelectual e político internacional, para o período de 2001/2009.
3. Estudar as tendências das recentes mudanças no campo da Teoria Social, correlacionando as condições da modernidade e as formulações que propõem a visão crítica (ou algumas vezes niilista) sobre as relações sociais: sociedade de risco, flexível, etc.; desesperança, desrazão, “desencantamento do mundo”.
4. Com base nas conclusões preliminares, definir um *foco* para a continuidade da pesquisa e um conjunto operacional de referenciais teóricos e de parâmetros de análise de conjuntura para esse campo temático.
5. Sistematizar e organizar essas definições e elaborar *papers* e relatórios preliminares.

Apresentamos abaixo um conjunto de notas de leituras de autores mais significativos e de argumentos a rever e sistematizar, a título de plano de trabalho preliminar para o período.

1. E. P. Thompson: Retomar seus argumentos a partir do princípio de que o *exterminismo* seria o último estágio da civilização (1982). Relacionar sua crítica sobre a idéia de “fim da história”, de acordo com a elaboração de F. Fukuyama, e as transformações do mundo a partir de 1989. Nesse contexto, associar declarações como as de Allan Bloom (“nós ganhamos...”) às orientações que nortearam algumas doutrinas e políticas norte-americanas recentes.

2. Moishe Postone (2006 e 2003): reflexões sobre a violência, seu sentido; equívocos do campo da esquerda; papel dos intelectuais; dominação abstrata do capital; novas formas de acumulação; *agency* e personagens: ação e reação: EUA x “terroristas”; balanço histórico das diferenças políticas e econômicas entre os países árabes e muçulmanos e Israel e EUA; perspectiva de hegemonia: EUA x Bloco Europeu. Comparar a perspectiva de *reciprocidade* com os pressupostos de Thompson. Discutir sua conclusão de que os processos examinados (o cenário contemporâneo) não caracterizam uma idéia de “fim da história”, mas uma *desesperança*, devida a uma (eventual) perda de sentido de história pelos sujeitos no *contexto das relações sociais (capitalistas)*.

3. Michel Misse (2006): reflexões sobre a violência; a tese da “acumulação social da violência”; modelos de dominação; relações conceituais entre extermínio e exterminismo; reflexões sobre as noções de guerra; fundamentalismo/islamismo; princípios de Estado X mercado.

4. Relacionar os principais argumentos de Thompson, Postone e Misse e articular com as noções de *teatro* (poder, guerra e paz) de Thompson e o sentido de realismo discutido na pesquisa, e definir conclusões preliminares.

5. Revisão de literatura: permanente (boletins, periódicos e livros).

## 6. REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Gilbert. *Le choc des barbaries*. Paris: Complexe, 2007.
- ADAMS, Julia et al. (ed). *Remaking Modernity: Politics, History, and Sociology*. Duke University Press, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. 2 ed., São Paulo: Boitempo, 2007.
- AHMAD, Aijaz. *Linhagens do Absolutismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- AHMAD, Aijaz. *In our time: empire, culture and politics*. London: Verso, 2007.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARCHER, Margaret S. *Being Human: The Problem of Agency*. Cambridge: CUP, 2000.
- ARCHER, Margaret S. *Structure, Agency and the Internal Conversation*. Cambridge: CUP, 2003.
- ARNOLD, G. L. “Britain: The New Reasoners”, in LABEDZ, Leopold (ed.). *Revisionism*. London: Allen & Unwin Ltd, 1962.
- BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage, 1992.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.
- BERIAIN, David. “Cara a cara con los talibanes”. *El País*, Madrid, 06 de setembro de 2009. in “Domingo”, p. 3-4.
- BESS, Michael. “E. P. Thompson: the Historian as Activist”, *American Historical Review*, n. 98, 1993a.
- BESS, Michael. *Choices under Fire: moral dimensions of World War II*. New York: Alfred A. Knopf, 2006.
- BESS, Michael. *Realism, Utopia, and the Mushroom Cloud*. Chicago: Univ. of Chicago, 1993.
- BLACKBURN, Robin. *Depois da Queda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- BROMLEY, Simon; ROSENBERG, Justin. “After Exterminism”. *New Left Review*, n. 168, March-April 1988.
- BURAWOY, M. et al (ed). *Global Ethnography: Forces, Connections and Imaginations in a Postmodern World*. University of California Press, 2000.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. *The choice: global domination or global leadership*. New York: Perseus, 2005.
- CARTER, Jimmy. *Our Endangered Values: America's Moral Crisis*. New York: Simon & Schuster, 2005.
- CHOMSKY, Noam and ACHCAR, Gilbert. *Perilous Power: the Middle East and U. S. Foreign Policy – dialogues on terror, democracy, war and justice*. Boulder: Paradigm Publ., 2007.
- CHOMSKY, Noam. *Hegemony or Survival: America's Quest for Global Dominance (the American Empire Project)*. Henry Holt & Company, Inc., 2004.
- CHOMSKY, Noam. *Interventions*. City Lights Books, 2007.

- COURBAGE, Youssef et TODD, Emmanuel. *Le rendez-vous des civilisations*. Paris: Seuil, 2007.
- DEAN, John. *Conservatives without Conscience*. Penguin Group (USA), 2006.
- DELPECH, Thérèse. *El retorno a la barbarie en el siglo XXI*. Buenos Aires: Ateneo, 2006.
- DRUMHELLER, Tyler and MONAGHAN, Elaine (ed). *On the Brink: an Insider's Account of How the White House Compromised American Intelligence*. Avalon Publishing Group Inc., 2006.
- DUAYER, M. et al. "Dilema da sociedade salarial: realismo ou ceticismo instrumental". Niterói: UFF/Departamento de Economia, trabalho não publicado, 2002.
- DUAYER, M. "Economia Depois do Relativismo: Crítica Ontológica ou Ceticismo Instrumental?". Niterói: UFF/Departamento de Economia, mimeo, 2003.
- EAGLETON, Terry. *After Theory*. New York: Perseus, 2003.
- EAGLETON, T. *The Idea of Culture*. Malden, MA: Blackwell, 2000.
- EAGLETON, T. *Reason, Faith, and Revolution: Reflections on the God Debate* (The Terry Lectures Series). Yale University Press, 2008.
- FISK, Robert. *Great War for Civilization: the Conquest of the Middle East*. Knopf Publishing Group, 2007.
- FOSTER, John B. *Naked Imperialism: the US pursuit of global dominance*. New York: Monthly Review Press, 2006.
- FOSTER, John B. e McCHESENEY, Robert W. (ed). *Pox Americana: exposing the American empire*. New York: Monthly Review Press, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRIEDLÄNDER, Saul. "Ideology and Extermination: the immediate origins of the 'Final Solution'". in: POSTONE, Moishe & SANTNER, Eric L., 2003, p.17-33.
- FUKUYAMA, Francis. *America at the Crossroads: Democracy, Power, and the Neoconservative Legacy*. London: Yale University Press, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Notas Sobre Maquiavelo, Sobre la Política y Sobre el Estado Moderno*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: Guerra e Democracia na Era do Império*. São Paulo: Record, 2005.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. São Paulo: Record, 2001.
- HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HINTON, James. *Protests and Visions: Peace Politics in the Twentieth Century*. London: Hutchinson Radius, 1989.
- HOBBSBAWM, Eric. *Guerra y paz en el Siglo XXI*. Barcelona: Crítica, 2006.
- HOLLINGER, David A. *In the American province: studies in the history and historiography of ideas*. Baltimore: The John Hopkins University, 1982.

- HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações, e a Recomposição da Ordem Mundial*. São Paulo: Objetiva, 1997.
- HUNTINGTON, Samuel P. *The clash of civilizations? The debate*. New York: Foreign Affairs Staff, 1996.
- HUNTINGTON, Samuel P. *Who are we? The challenges to America's national identity*. New York: Simon & Schuster, 2005.
- JAY, Martin. “La imaginación apocalíptica y la incapacidad de elaborar el duelo”. In: JAY, Martin. *Campos de Fuerza: entre la historia intelectual y la crítica cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 167-194.
- JOHNSON, Chalmers. *Nemesis: the last days of American Republic*. New York: Metropolitan books, 2006.
- JOHNSON, Chalmers. *The Sorrows of Empire: Militarism, Secrecy, and the End of the Republic (The American Empire Project)*. New York: Metropolitan, 2004.
- JOHNSON, Chalmers. *Blowback: The Costs and Consequences of American Empire*. 2. ed. New York: Henry Holt And Co, 2004.
- KALDOR, Mary. *Europe From Below*. London: Verso, 1991.
- KAYE, Harvey J.; MCCLELLAND, Keith. *E. P. Thompson: critical perspectives*. Cambridge: Polity Press & Oxford: Blackwell, 1990.
- KENNY, Mike. *The First New Left*. London: Lawrence and Wishart, 1995.
- KIRKPATRICK, Jeane J. *Making War to Keep Peace*. New York: Harper Collins Publishers, 2007.
- KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KRISHNA, Sankaran. *Globalization and Postcolonialism: Hegemony and Resistance in the Twenty-first Century*. Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2008.
- LOWI, Michel e SAYRE, R.. *Revolte et melancolie*. Paris: Payot, 2007.
- LUKES, Steven. *Power: a radical view*. 2<sup>nd</sup> ed. Basingstoke: Palgrave/Macmillan, 2005.
- MARTÍN, Pedro Benítez. *E.P. Thompson y la História: un compromiso ético y político*. Madrid: Talasa, 1996.
- MARX, Karl. *Sobre Proudhon: (Carta a J. B. Schweitzer)*. 1865, in [www.marxists.org](http://www.marxists.org)
- MESZAROS, Istvan. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003.
- MINNION, John e BOLSOVER, Philip (ed.). *The CND Story: the First 25 Years in the Words of the People Involved*. London: Allison and Busby, 1983.
- MISSE, Michel. *Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.
- MISSE, Michel. “Da violência de nossos dias”, 2002. in [www.unicrio.org.br/Textos/dialogo/indice.htm](http://www.unicrio.org.br/Textos/dialogo/indice.htm)
- MISSE, Michel, “Violências no Brasil e na Índia: para uma (difícil) comparação”, in Dilip Loundo e Michel Misse (org.). *Diálogos Tropicais – Brasil e Índia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MORAES, Maria Célia M. e MÜLLER, Ricardo G. “Historia y experiencia: las contribuciones de E. P. Thompson a las investigaciones en las ciencias sociales”. (VIII Congreso Español de Sociología, Federación Española de Sociología (FES), Alicante, Setembro de 2004), cd-rom, Grupo de trabajo 01. “Metodología”; p. 1-17, 2004.

MORAES, Maria Célia M. e MÜLLER, Ricardo G. “*Tempos em que a 'razão deve ranger os dentes': E. P. Thompson, História e Sociologia*”. Campinas, XI Congresso Brasileiro de Sociologia, SBS/Unicamp, setembro, Caderno de Resumos, p. 202-203, 2003.

MORAES, M. C. M. e DUAYER, M. “Neopragmatismo: a história como contingência absoluta”. *Tempo: revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, vol. 2, n. 4, dezembro, 1997.

MORAES, M. C. M. e DUAYER, M. “História, estórias: morte do ‘real’ ou derrota do pensamento”? *Perspectiva*, CED/ UFSC, Florianópolis, ano 16, nº. 29, 1998.

MORAES, Maria Célia M.. “O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna”. *Cadernos de Pesquisa*, S. Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 34, n. 122, p. 337-357, maio/agosto 2004.

\_\_\_\_\_. “Ceticismo epistemológico, ironia complacente: até onde vai o neopragmatismo rortyano?” *Revista Educação nas Ciências*, Programa de Pós-graduação em educação da UNIJUI, Ijuí, vol. 1, nº 1, 2001.

\_\_\_\_\_. “Recuo da teoria: dilemas da pesquisa em educação”. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, 14 (1), 2001.

MÜLLER, Ricardo G. *Razão e Utopia: Thompson e a História*. S. Paulo: USP, mimeo, 2002.

MÜLLER, Ricardo G. “Realismo y Utopia: E. P. Thompson y el Exterminismo”. (VIII Congreso Español de Sociología, FES, Alicante, setembro 2004), cd-rom: GT-20, “Movimientos Sociales y Acción Colectiva”, Sesión 1: Conceptos, teorías y aportaciones recientes, p. 1-16, 2004.

MÜLLER, Ricardo G. “Realismo e Utopia: E. P. Thompson e o exterminismo”, *Esboços*, n. 12, Florianópolis, Programa de Pós-graduação em História/UFSC, p. 97-106, 2004.

MÜLLER, Ricardo G. *Razão e Utopia: Thompson e a História*. *Diálogos*. UEM, Maringá, v. 6, n. 6, p. 231-235, 2002.

MÜLLER, Ricardo G. “Revisitando E. P. Thompson e a “Miséria da Teoria””. *Diálogos*. UEM, Maringá, v. 11, n. 1-2, p. 97-136, 2007.

MUNHOZ, Sidnei J. “O Governo Dutra, a Guerra Fria e a repressão política aos comunistas (1946-1950)”. Maringá: UEM. Mimeo, 2003.

MUNHOZ, Sidnei J. “Ecos da emergência da Guerra Fria no Brasil (1947-1953)”. *Diálogos*. Maringá: UEM, v. 6, p. 41-59, 2002.

OLIVEIRA, Francisco. “Apresentação: Depois do desmanche”, in OLIVEIRA, Francisco e RIZEK, Cibele Saliba (org.). *A era da indeterminação*. S. Paulo: Boitempo, 2007, p.7-14.

OLIVEIRA, Francisco. “Das Invenções à Indeterminação”, in OLIVEIRA, Francisco e RIZEK, Cibele Saliba (org.). *A era da indeterminação*. S. Paulo: Boitempo, 2007, p.15-45.

OLIVEIRA, Francisco. “O momento Lenin”, in OLIVEIRA, Chico e RIZEK, Cibele Saliba (org.). *A era da indeterminação*. S. Paulo: Boitempo, 2007, p. 257-288.

PANITCH, Leo & LEYS, Colin (ed). “Telling the Truth”, *Socialist Register*. London: Merlin, 2006.

PANITCH, Leo & LEYS, Colin (ed). “The Empire Reloaded”, *Socialist Register*. London: Merlin, 2005.

PHILIPS, Kevin. *American Theocracy: The Peril and Politics of Radical Religion, Oil, and Borrowed Money in the 21st Century*. Penguin Group (USA), 2007.

PODHORETZ, Norman. *World War IV: the long struggle against islamofascism*. New York: Doubleday, 2007.

POSTONE, Moishe & SANTNER, Eric L. (ed). *Catastrophe and Meaning: the Holocaust and the 20th Century*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

POSTONE, Moishe. "History and Helplessness: Mass Mobilization and Contemporary Forms of Anticapitalism", in *Public Culture* 18:1, p. 93-110, 2006.

SADER, Emir (org.). *O Mundo depois da Queda*. S. Paulo: Paz e Terra, 1995

SENNET, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. S. Paulo: Record, 2006

SILVA, Francisco Carlos T. (org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio: Elsevier/Campus, 2004.

SOREL, Georges. *Reflexões sobre a Violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

THOMPSON, E. P. (ed). *Out of Apathy*. London: New Left Books/Stevens, 1960.

THOMPSON, E. P. *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: Merlin, 1978.

THOMPSON, E. P. Pronunciamento durante Seminário promovido pelo grupo History Workshop e Ruskin College. Oxford, dezembro 1979.

THOMPSON, E. P. *Writing by Candlelight*. London: Merlin, 1980.

THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). *Protest and Survive*. Nottingham: CND, 1980a.

THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). *Protest and Survive*. Harmondsworth: Penguin, 1980b.

THOMPSON, E. P. *Beyond the Cold War*. Pamphlet. London: Merlin & END, 1982.

THOMPSON, E. P. (ed). *Exterminism and Cold War*. London: Verso/New Left Books, 1982a.

THOMPSON, E. P. (ed). "Exterminism Reviewed", in *Exterminism and Cold War*. London: Verso/New Left Books, 1982a.

THOMPSON, E. P. *Zero Option*. London: Merlin, 1982b.

THOMPSON, E. P. "Will 1983 end in darkness in Europe", *Sanity*, December 1983.

THOMPSON, E. P. *The Heavy Dancers*. London: Merlin, 1985.

THOMPSON, E. P. *Double Exposure*. London: Merlin, 1985a.

THOMPSON, E. P. (ed). *Star Wars*. Harmondsworth: Penguin. 1985b.

THOMPSON, E. P. *Nuestras Libertades y Nuestras Vidas*. Barcelona: Crítica, 1987.

THOMPSON, E. P. "Ends and Histories", in KALDOR, Mary (ed.). *Europe From Below*. London: Verso, p. 7-25, 1991.

THOMPSON, E. P. *Customs in Common*. New York: New Press, 1993.

THOMPSON, Michael J. (ed). *Confronting the New Conservatism: The Rise of the Right in America*. New York: University Press, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. "Análise dos sistemas mundiais", in GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan, *Teoria Social Hoje*, S. Paulo: UNESP, 1996, p. 447-470.

WALLERSTEIN, Immanuel. "As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso", in SADER, Emir e BLACKBURN, Robin (org.) *O mundo depois da queda*, S. Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 31-50.



WALLERSTEIN, I. M. *European Universalism: the Rhetoric of Power*. New York: New Press, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel M. *Geopolitics and Geoculture: Essays on the Changing World-System*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WILLIAMS, Raymond et al. (ed). *May Day Manifesto: 1968*. Harmondsworth: Penguin, 1968.

WOOD, Ellen Meiksins. *Empire of Capital*. London: Verso, 2005.

WOOD, E. M. "E. P. Thompson: Historian and Socialist", *Monthly Review*, n. 8, 1994.

WOOD, E. M. *The Retreat from Class*. 2 ed., London: Verso, 1998.

WOOD, E. M. *Democracy against Capitalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WOODWARD, Bob. *Plan of Attack*. New York: Simon and Schuster, 2004.

Periódicos específicos: *Foreign Affairs*, *Commentary*, *Encounter*, *National Review*, e *Revista Brasileira de Política Internacional* (RBPI).

Boletins: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI).

Coletânea de artigos e ensaios de Robert Kurz.

Portais e sites:

[www.publiceye.org](http://www.publiceye.org)

[www.rightweb.irc-online.org](http://www.rightweb.irc-online.org)

[www.antiwar.com](http://www.antiwar.com)